



SEÇÃO: PESQUISA SOCIAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E ORGANIZACIONAIS

## Estilos de vida da "Geração Alfa": Uma abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas

*Lifestyles of the Alpha Generation: A Reconstructive Approach to Biographical Narratives*

**Paula Vianna Köche<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0005-8032-1350](https://orcid.org/0009-0005-8032-1350)

[paulaviannaoficial@gmail.com](mailto:paulaviannaoficial@gmail.com)

**Recebido em:** 01 ago. 2024.

**Aprovado em:** 09 set. 2024.

**Publicado em:** 09 dez. 2024.

**Resumo:** O artigo apresenta bases epistemológicas da abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas, adotada pela pesquisa em andamento, sobre as experiências de membros da "Geração Alfa" (nascidos a partir de 2010), para compreender seus estilos de vida, especialmente quanto à prática da leitura. Explora-se conceitos da obra de Schütz (1979) para a compreensão da interpretação dos agentes sobre a vida cotidiana, tarefa principal da sociologia do autor, base para a abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas. O texto expõe desdobramentos da pesquisa baseados em resultados preliminares de entrevistas narrativas com adolescentes de 12 a 14 anos. Um desdobramento da pesquisa é a proposição de uma ferramenta para estimular a leitura nos anos finais do Ensino Médio. A ferramenta, *Visual Interactive Reading (VIR)*, está em desenvolvimento pela Agência Experimental de Engenharia de Software da Escola Politécnica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (AGES-PUCRS). Argumenta-se, ainda, que a abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas pode subsidiar ações de instituições voltadas ao público jovem.

**Palavras-chave:** Geração Alfa; Narrativas Biográficas; Sociologia de Alfred Schütz; Leitura.

**Abstract:** The article presents epistemological foundations of the reconstructive approach to biographical narratives, adopted in ongoing research on the experiences of members of the "Alpha generation" (those born from 2010 onwards), to understand their lifestyles, particularly regarding reading practices. It explores concepts from Schütz's (1979) work to grasp agents' interpretations of everyday life, the main task of the author's sociology, forming the basis for the reconstructive approach to biographical narratives. The text outlines research developments based on preliminary results from narrative interviews with adolescents aged 12 to 14. One outcome of the research is the proposal of a tool to promote reading among high school seniors. The tool, *Visual Interactive Reading (VIR)*, is being developed by Agência Experimental de Engenharia de Software da Escola Politécnica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (AGES-PUCRS). It further argues that the reconstructive approach to biographical narratives can support actions by institutions targeting young audiences.

**Keywords:** Alpha Generation; Biographical Narratives; Alfred Schütz's Sociology; Reading.

### Introdução

Vivemos em uma sociedade acelerada, afirma Rosa (2019). O otimizar, o acelerar e o inovar, exigidos continuamente pela sociedade contemporânea, nos faz reféns da eterna falta de tempo. Nas palavras de Rosa



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

(2019, 303), "quanto maior for a carência de tempo, tanto mais intenso será o clamor por um trânsito mais rápido, computadores mais eficientes e tempos de espera menores". A permanente pressão temporal pelo "medo constante de perder oportunidades" orienta o ritmo da vida, que, por sua vez, precisa ser ajustada para coexistir no ritmo do mundo cada vez mais célere (Rosa 2019, 268).

Aliada à aceleração, a sociedade contemporânea se caracteriza também pela individualização. De acordo com Beck (2010, 199), a "individualização significa que a biografia das pessoas se torna independente de determinações pré-fixadas, abertas, disponíveis e se converte em tarefa a ser desempenhada por cada um". No processo de individualização, o sujeito se torna "o centro no processo biográfico", enquanto os vínculos familiares e diferenças de classe ocupam "o plano de fundo" (Beck 2010, 194). O autor afirma ainda que o indivíduo "desenha de próprio punho" a sua biografia, isto é, a "biografia socialmente predefinida é transformada em biografia feita e a ser feita por cada um" (Beck 2010, 199). Diante desse cenário, em que o indivíduo é o centro da sociedade contemporânea e a tecnologia um motor externo que propulsiona a aceleração social, é compreensível a precocidade na busca identitária dentro da sociedade (Santos 2015).

O indivíduo, cada vez mais jovem, procura sua identidade, o seu estilo de vida, a sua autodefinição no grupo social em que está inserido. Em outras palavras, é exigido gradativamente e de forma prematura a singularidade do sujeito, que deve ser confirmada no seu cotidiano.

Nesse sentido, Santos (2015, 404) afirma que

[...] os indivíduos são de alguma forma compelidos a escolher e definir o seu estilo de vida que sintetiza o seu lugar no mundo, uma vez que o estilo de vida implica um conjunto de práticas seguidas pelos indivíduos, não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão formas materiais a uma narrativa particular de autoidentidade.

Considerando o contexto esboçado acima, o presente artigo apresenta os fundamentos epistemológicos de uma pesquisa de mestrado em andamento, cujo objetivo é investigar os gostos

e estilos de vida de adolescentes brasileiros, especificamente daqueles nascidos a partir de 2010, por meio da análise de suas próprias interpretações de suas experiências de leitura. O artigo apresenta, ainda, de forma breve, um desdobramento da pesquisa com base em resultados ainda preliminares da investigação em curso.

A pesquisa em desenvolvimento se justifica duplamente: por um lado, pela escassa atenção dada ao tema e a essa geração por parte da literatura sociológica recente e, por outro lado, pela quase inexistência de estudos que explorem as experiências biográficas dessa população, especialmente em relação a seus estilos de vida. Os resultados obtidos poderão servir de orientação a diversas ações, sejam elas de instituições educativas, sejam empresas de distintas áreas de atuação ou para formuladores de políticas públicas que tenham essa camada da população jovem como público-alvo. O potencial de pesquisas com escopo similar já pode ser observado com os resultados preliminares da investigação em curso, que desenvolve um aplicativo para estimular a formação de leitores entre os adolescentes da faixa etária pesquisada, como se verá na seção final deste artigo.

Após apresentar os fundamentos epistemológicos da abordagem metodológica adotada, assim como as principais características do método biográfico reconstrutivo, como adotado nesta pesquisa, o artigo apresenta as principais características de um aplicativo, já em desenvolvimento, que pretende ser um estímulo adicional à prática da leitura de adolescentes da faixa etária pesquisada, ou seja, entre 12 e 14 anos de idade. A ideia do aplicativo não surgiu de proposta direta dos adolescentes ouvidos até agora; contudo, a discussão das entrevistas iniciais para essa pesquisa permitiu a proposição de uma ferramenta que pudesse ser adotada pelas escolas para servir como suporte adicional à prática da leitura, incorporando recursos visuais, tendo em vista que os adolescentes ouvidos, de diversas origens sociais, se mostraram bastante receptivos a estímulos visuais no processo de aprendizado e entretenimento.

## Membros da "geração alfa" como sujeitos de pesquisa

O primeiro passo aqui será identificar como a literatura sociológica tem abordado a juventude brasileira, seus gostos e estilos de vida. Contudo, antes de mencionar o resultado do levantamento bibliográfico sobre o tema, cabe a diferenciação, de forma concisa, dos conceitos de jovem, adolescente e juventude.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece em sua convenção que "adolescência é a fase da vida entre a infância e a idade adulta, dos dez anos aos 19 anos. É uma fase única do desenvolvimento humano e um momento importante para estabelecer as bases de uma boa saúde" (WHO, 2024, tradução nossa). A OMS refere-se ao termo "juventude", designando-o para os indivíduos entre 15 e 24 anos, sendo dos 15 aos 19 anos adolescente jovem e dos 20 anos aos 24 anos jovem adulto.

Já o Ministério da Saúde brasileiro segue todas as orientações etárias convencionadas pela OMS e ONU, e adota a terminologia "pessoas jovens" para se referir ao conjunto de adolescentes e jovens, ou seja, à abrangente faixa compreendida entre dez anos e 24 anos (Brasil, n.d.). E, seguindo essa linha de especificações etárias e conceituais, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil 1990), em seu artigo 2º, diz:

Considera-se criança, para efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Diante desse contexto, "adolescentes", pela legislação brasileira, são os jovens entre 12 anos e 18 anos. Todavia, é importante ressaltar que, "devido à variabilidade e à diversidade dos parâmetros biológicos e psicossociais nessa fase, o critério cronológico, muitas vezes, não é o mais adequado para estudos sociológicos" (Eisenstein 2005, 7).

Considerando que os termos "adolescentes", "jovens" e "juventude" são utilizados muitas ve-

zes sem uma distinção conceitual entre eles, adotou-se, na presente pesquisa, o termo "adolescência" como primeiro critério de busca para o levantamento bibliográfico. Tal nomenclatura foi escolhida pois as pessoas entrevistadas se encontram na faixa etária dos 12 aos 14 anos de idade.

É importante esclarecer que esse nicho etário, 12 a 14 anos, foi estabelecido após várias entrevistas piloto com pessoas de diferentes idades. Averiguou-se que um entrevistado adolescente de 12 anos articulava-se melhor à metodologia aplicada em comparação aos entrevistados de sete anos ou de dez anos.

Outro ponto que merece atenção e justificativa é a idade limite de 14 anos dos entrevistados para participarem das entrevistas. Essa restrição etária, isto é, somente os nascidos a partir de 2010, ocorre porque são esses adolescentes de 14 anos que deram origem a uma nova geração, que passou a ser conhecida como "Geração Alfa".

Sabemos que as denominações de gerações como *Geração Silenciosa*, *Baby Boomers*, *Geração X*, *Geração Y (Millennials)* e *Geração Alpha* são amplamente utilizadas por agentes do mercado de consumo e na publicidade. Mesmo não sendo visto na produção sociológica acadêmica, o termo "Geração Alfa" é utilizado no presente trabalho, pois entendemos que adotar um termo utilizado por parte de instituições da sociedade – no caso, agentes do mercado – não traz qualquer prejuízo à análise sociológica, ao contrário, pode promover a aproximação entre a produção sociológica e a esfera social. A denominação "Geração Alfa", adotada neste artigo, foi proposta pelo sociólogo australiano Mark McCrindle e a demógrafa australiana Ashley Fell (2021), que passaram a utilizá-la para se referir às pessoas nascidas entre os anos de 2010 e 2024. É a primeira geração nascida inteiramente no Século XXI, simbolizando o começo de algo novo.

Já o termo "geração", na sociologia, nos direciona a um campo controverso quanto à sua conceituação, mas em que ainda prevalece a discussão proposta por Mannheim (1993). Em seu artigo "O problema das Gerações", Mannheim

(1993) define “geração” em vários momentos do seu ensaio e traz para a análise outros conceitos como *conexão geracional*, *unidade geracional* e *vínculo geracional*. Para o autor, a simples presença dos sujeitos em um dado momento histórico social não é determinante para desenvolver perspectivas semelhantes entre indivíduos de idades próximas. Segundo Mannheim (1993), é preciso existir uma *conexão geracional* entre os membros, isto é, um determinado tipo de participação ou prática coletiva que possa produzir esse vínculo geracional a partir da reflexão sobre os mesmos eventos ou acontecimentos em comum.

A partir do levantamento bibliográfico realizado até o momento, ainda não foi possível identificar uma atenção ao tema de estilos de vida dos adolescentes entre 12 e 14 anos no contexto brasileiro, faixa etária que corresponde justamente à chamada “Geração Alfa”, tampouco à adoção da abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas para essa faixa etária, pelo menos não nos últimos dez anos.

### Estilos de vida

O tema “estilos de vida” na sociologia remete imediatamente a Bourdieu (1983), que, em seu texto “Gostos de Classe e Estilos de Vida”, sugere que o “*habitus*” se exprime por estilos de vida. O *habitus* é a estrutura social que, ao ser interiorizada pelo indivíduo, se transforma em ordem cognitiva. Melhor dizendo, *habitus* é aquilo que foi organizado pela realidade exterior e que alicerceia as práticas interiormente (Bourdieu 1983). Ele é determinado pelo gosto e expresso por meio do estilo de vida. De acordo com Bourdieu, o estilo de vida é a forma como o sujeito ou grupo experienciam o mundo, isto é, a maneira como se portam e como fazem as escolhas.

Ao abordar o *habitus*, Bourdieu o faz de maneira que parece apontar para uma tendência uniformizante dos pensamentos de determinado grupo de pessoas, pois define de forma prévia a produção dos pensamentos, práticas e ações, reduzindo, dessa forma, a capacidade interpretativa dos sujeitos (Santos 2012), e indo de encontro à abordagem sociológica proposta

por Alfred Schütz (1979). A maneira de se compreender a relação do indivíduo com o *habitus*, como proposta por Bourdieu, é coerente com a tentativa do autor de refutar diferentes abordagens biográficas na sociologia, como pode ser verificado em seu o artigo *A Ilusão Biográfica* (Santos, Oliveira e Susin 2014).

Schütz (1979), ao contrário de Bourdieu, destaca a capacidade de interpretação dos indivíduos na vida cotidiana. A sociologia de Alfred Schütz sustenta a compreensão de que a sociedade é, em boa medida, o que os indivíduos fazem dela, ou seja, o mundo social não é dado, não é natural, nem pré-determinado (Santos 2022).

É importante salientar que, mesmo os indivíduos compartilhando elementos em comum e tendo nascido na mesma época, não há componentes suficientes para terem pensamentos idênticos.

### Experiências biográficas como ponto de partida

A seguir, apresento uma breve reflexão sobre os fundamentos epistemológicos e teóricos postulados por Alfred Schütz (1979), pois são os pressupostos da sua sociologia um dos principais alicerces, embora não o único, da abordagem metodológica reconstrutiva de narrativas biográficas, método adotado para a condução e análise das entrevistas biográficas. Para esse fim, faz-se necessário retroceder ao contexto histórico das origens do empreendimento sociológico de Alfred Schütz.

O processo para estabelecer a sociologia como disciplina nas universidades alemãs foi distinto daquele observado nos países percursores da sociologia, França e Inglaterra (Santos 2022). Para esse feito, foi preciso “oferecer uma nova fundamentação, delineando um novo objeto e novos métodos” (Santos 2022, 166) para o aceite no ensino acadêmico na Alemanha.

A sociologia no molde francês era vista pelos historiadores, psicólogos e economistas alemães com um certo ceticismo, pois negavam a pretensão universalista da sociologia positivista francesa. Nos dizeres de Srubar (1984, 165):

Uma teoria de compreensão da sociedade que quisesse usar os métodos das ciências naturais parecia muito questionável. Se considerarmos o que era, do ponto de vista alemão, um status acadêmico muito duvidoso do porta-voz da sociologia, bem como suas biografias incomuns, não é de surpreender que a sociologia fosse considerada o "playground da pseudociência" e, na melhor das hipóteses, "um tipo superior de jornalismo".

Nesse cenário de desconfiança, diante das presunções acadêmicas da sociologia francesa da época, se estabelecerá na Alemanha uma outra possibilidade de realizar o trabalho sociológico, em que a análise das interpretações sociais e as suas ações individuais propriamente ditas são tidas como objeto por excelência da sociologia (Santos 2022). É nessa conjuntura que Weber (2004) contribuiu, junto a outros autores, para que a ação dos indivíduos passasse a ser o eixo de atenção da sociologia compreensiva na Alemanha.

É nesse "contexto intelectual" que se inicia a contribuição de Alfred Schütz para a compreensão do sentido subjetivo da ação, em que serão apresentadas pelo sociólogo vienense novas referências teóricas com a intenção de interpretar as ações individuais para o "entendimento de problemas sociais específicos" (Santos 2022, 167).

É nessa busca de Schütz por investigar o processo de atribuição de sentido subjetivo da ação que se estabelece o diálogo entre as sociologias de Weber e Schütz.

Durante seus estudos, Schütz dedicou-se profundamente à "filosofia fenomenológica de Edmund Husserl, à sociologia compreensiva de Max Weber e à teoria econômica de Ludwig von Mises" (Santos 2022, 163), os quais edificaram interdisciplinarmente a base do seu empreendimento sociológico. Tal empreendimento consiste no foco, por parte dos observadores científicos, no "processo de interpretação dos indivíduos e, portanto, de aquisição e sedimentação de conhecimento de senso comum", pois este influencia na definição da rota de ação na vida cotidiana (Santos 2022, 167).

E é com a concepção weberiana da teoria de ação social que Schütz vislumbra uma possibi-

lidade de adentrar à sociologia com postulados da fenomenologia de Husserl. Schütz foi buscar na fenomenologia de Husserl fundamentos para avançar e desenvolver detalhadamente a sociologia da ação iniciada por Weber.

Schütz traz de Husserl o conceito de "mundo da vida" (*Lebenswelt*), que "é o mundo intersubjetivo preexistente que é assumido como dado e inquestionável num primeiro momento pelo sujeito como uma atitude natural" (Santos 2022, 169). Em outras palavras, "este mundo existia, acreditamos, antes de nosso nascimento, tem sua história e nos é dado de forma organizada" (Natanson 1962, XXVII). E é nesse mundo do cotidiano que "os homens entram em relação uns com os outros e tentam se entender, tanto entre si quanto consigo mesmos" (Natanson 1962, XXVII). No entanto, apesar dessa realidade da vida diária embasar toda a estrutura para toda a ação social, existe o espaço para que cada indivíduo se posicione na vida cotidiana de uma maneira única, pois cada situação biográfica conduz à singularidade.

Schütz e Luckmann (2023, 5), com o intuito de dar continuidade à sociologia em que a ação do sujeito é o foco de atenção, inaugurará uma sociologia fenomenologicamente orientada, que passa a fazer parte do rol das escolas interpretativas das ciências sociais, possibilitando, dessa forma, um novo olhar "à forma como é encarada a realidade social".

Schütz vai propor em seu empreendimento analítico que as "atenções dos sociólogos estejam direcionadas à compreensão da vida cotidiana" (Santos 2022, 169), pois será nessa observação que compreenderemos a realidade social. E esse se atentar à vida comum nada mais é do que a "interpretação da compreensão do significado subjetivo atribuído aos fenômenos por parte do ator social no mundo da vida" (Santos 2022, 169). Será essa percepção de interpretação um dos diferenciais da sociologia de Schütz: oferecer uma *fundamentação epistemológica* para a elaboração de uma análise para descortinar o contexto social, mas sempre com o foco na perspectiva do sujeito, isto é, o que significa o mundo social

para o sujeito observado (Santos 2022).

A sociologia de Alfred Schütz (1979) explora os conhecimentos do senso comum, ou seja, sugere interpretar a interpretação dos indivíduos na sociedade, além de estruturar os processos de tipificação e de relevância, que são utilizados de forma individualizada pelo sujeito para a sua própria análise da vida cotidiana (Santos 2022). Tais processos interferem diretamente na ação do sujeito, que, por sua vez, tem livre arbítrio para agir.

Vale destacar que, quando se experimenta algo e se adquire conhecimento, passamos a ter distintos níveis de relevância mobilizados em diversas circunstâncias da vida diária, o que sugere uma análise real dos motivos do agir para desvendar o contexto social (Santos 2015). Neste ponto, cabe elucidar dois conceitos importantes da sociologia de Schütz que permitem compreender fundamentos importantes da sociologia interpretativa e a adoção da abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas: os conceitos de tipificação e relevância. Trata-se de dois conceitos distintos, mas que, combinados, podem esclarecer a análise da interpretação de experiências biográficas, justamente um dos objetivos da análise biográfica dos estilos de vida de membros da Geração Alfa, em especial, de suas práticas de leitura.

Embora Weber tenha adotado o procedimento da tipificação (tipo ideal) como um recurso analítico da sociologia para a compreensão da realidade, Schütz amplia a compreensão do processo e atribui aos indivíduos na vida cotidiana esse exercício de tipificação como uma maneira dos sujeitos, no senso comum, reduzirem a complexidade das situações do cotidiano com as quais se deparam, permitindo a definição de roteiros de ação adequados para cada situação. Assim como esclarece Schütz (1979), o processo de tipificação se articula com o sistema de relevância, um complexo processo de orientação na vida cotidiana. Trata-se de um elemento bastante complexo de orientação do sujeito no mundo cotidiano. De maneira simplificada, pode-se dizer que os sujeitos lidam com zonas de relevância

impostas pela comunidade da qual participam, contudo é a partir das relevâncias "impostas" que o sujeito define suas próprias zonas de relevância, de acordo com seus próprios projetos e experiências biográficas.

Dentro desse contexto sociológico schütziano, em que a ação é uma expressão de liberdade, o autor preconiza que as motivações para o agir devem ser examinadas pela sociologia, pois a origem da ação é o cerne para o estudo de fenômenos sociais que, por sua vez, só serão efetivamente analisados se o "ponto de partida for a interpretação daqueles com experiência no fenômeno investigado" (Santos 2022, 172).

Schütz, ao seguir o prisma weberiano, sustenta que, para a apuração dos motivos da ação, é preciso analisar o significado subjetivo do sujeito em relação à sua ação. Melhor dizendo, o indivíduo concede um sentido a ela. Cabe ressaltar, todavia, que Weber não elucidou a forma como proceder para a obtenção do acesso à concepção subjetiva do ator social, o que será ofertado por Schütz (1979), para quem o sentido subjetivo da ação dos indivíduos pode ser alcançado pela compreensão das experiências diretas ou indiretas desses atores sociais (Santos 2022). Em outros termos, são as experiências e as interpretações dos próprios sujeitos que podem oferecer o acesso ao significado da ação atribuída pelos agentes na vida cotidiana.

Diante desse quadro, observa-se que Schütz avança na sociologia da ação compreensiva fundada por Weber ao postular componentes temporais distintos com relação às origens da ação, ou seja, aprofunda os estudos dos motivos da ação, separando-os em "motivos a fim de" e "motivos porque". Os "motivos a fim de" se relacionam às expectativas futuras do indivíduo, enquanto os "motivos porque" se referem aos fundamentos da ação firmada no passado biográfico do sujeito (Santos 2015, 236). Embora os dois componentes temporais estejam imbricados nas nossas ações cotidianas e raramente façamos essa distinção ao agir, Schütz (1979) introduz essa distinção como um recurso analítico que pode facilitar a análise dos sentidos vinculados à ação.

Com o objetivo de tornar mais evidente essa distinção analítica dos motivos para a ação, podemos recorrer a um exemplo do cotidiano: um estudante acorda em determinado horário, toma seu café e se direciona ao ponto de ônibus para chegar à Universidade em determinado horário, a fim de chegar pontualmente para a aula daquele dia. Nesse exemplo, de acordo com Schütz (1979), seria possível dizer que o estudante empreendeu cada uma das ações motivado por uma expectativa futura (assistir à aula daquele dia e horário), correspondendo ao motivo "a fim de". Contudo, podemos continuar nossa investigação para averiguar os motivos pelos quais o estudante decidiu frequentar a universidade e optar por um curso específico. Pode-se incrementar a resposta recorrendo às experiências passadas, biográficas, do estudante para se obter informações que transcendam seu horizonte futuro, tendo em vista que nos orientamos permanentemente, em nossa vida cotidiana, vinculados a essa dupla temporalidade, por um horizonte futuro e um horizonte já vivenciado no passado biográfico (Schütz e Luckmann 2023).

Vinculada a essa distinção do horizonte temporal da atribuição de sentido na vida cotidiana, dois outros conceitos da sociologia de Schütz são importantes, considerando sua relevância para a fundamentação da abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas: os conceitos de *estoque de conhecimento e situação biográfica* (Schütz 1979; Schütz e Luckmann 2023). Por esses termos, Schütz pretende destacar que toda situação em que nos encontramos são situações biográficas específicas, nas quais mobilizamos experiências vivenciadas no passado para estabelecer roteiros futuros de ação. Esses roteiros não são aleatórios, tampouco improvisados arbitrariamente, mas estão ancorados em conhecimentos adquiridos em experiências passadas, que podem ser tanto experiências vivenciadas diretamente pelo sujeito ou indiretamente, por intermédio de um relato ouvido ou lido de experiências de terceiros, contemporâneos ou antepassados, que vão compor o *estoque* ou *acervo de conhecimento* de cada um de nós na vida cotidiana. Trata-se de

conceitos importantes para a condução de entrevistas biográficas, uma vez que, nas entrevistas, obtemos acesso à situação biográfica atual dos entrevistados. Porém, ao mesmo tempo, ao se estimular relatos baseados em recordações do passado acabamos por ter acesso ao estoque de conhecimento dos entrevistados. Nesse sentido, a entrevista biográfica permite uma análise bastante complexa, que envolve uma análise sincrônica (a situação biográfica no presente) combinada com uma análise diacrônica (os relatos de experiências passadas), que compõem os elementos que constituem o *estoque de conhecimento* dos entrevistados.

Schütz (1979), ao adotar a temporalidade na discussão da ação dos indivíduos, trazendo a conceituação dessas duas categorias motivacionais, permite ao observador um melhor entendimento do complexo processo de ação e tomada de decisão por parte do sujeito analisado. Percebe-se, dessa maneira, os "diferentes aspectos envolvidos na ação, ou seja, as experiências passadas, a perspectiva presente e as expectativas futuras" (Santos 2022, 173). Corroborando esse contexto, Santos (2015, 237) afirma que o "aspecto temporal raramente é incorporado como critério explícito para a definição de um roteiro de ação, ainda que o tempo seja parte constitutiva do significado". No livro *Estruturas do mundo da vida*, iniciado por Schütz e finalizado e publicado por Luckmann, a biografia atua como aspecto central para a compreensão da ação já realizada, isto é, os "motivos biográficos poderiam decifrar motivações que levam indivíduos a fazer aquilo que fazem" (Schütz e Luckmann 2023, 8). Diante dessa conjuntura, em que a compreensão da ação do sujeito se dá mediante as experiências vividas por ele, como é possível analisar os "motivos porque" de tais atos?

Responder a tal questionamento mobilizou acadêmicos alemães a partir da década de 1960, pois, embora Schütz tenha oferecido uma fundamentação epistemológica para sua sociologia, não elaborou nenhum instrumento empírico fundado no seu empreendimento sociológico (Santos 2022). Tal missão foi assumida por Fritz Schütze (2014) e, posteriormente, por Gabriele

Rosenthal (2014), que desenvolvem a abordagem reconstrutiva de narrativa biográfica, metodologia utilizada na pesquisa em andamento.

A abordagem reconstrutiva de narrativa biográfica apresenta técnicas para a compreensão da ação no mundo cotidiano, possibilitando, dessa forma, a elaboração de "tipologias de interpretações do mundo da vida", a partir do manejo do acervo de conhecimento disponível, além da sedimentação dos sistemas de relevância e tipificação, que são essenciais para o entendimento do "processo de tomada de decisão no curso da ação cotidiana" do ator social (Santos 2022, 174).

A ação, nessa abordagem, é analisada de acordo com o empreendimento de Schütz, pois o que é examinado é o significado concedido pelo indivíduo "à sua própria ação, tanto no presente quanto no passado" (Santos 2022, 175). Em outras palavras, "deve-se buscar a interpretação presente de experiências passadas, pois essas ações do passado são lidas com as lentes da situação biográfica presente" (Santos 2022, 175). Essa abordagem, portanto, oferece o acesso aos "motivos porque" da ação.

Apesar dessa abordagem teórico-metodológica não estar fundamentada unicamente na obra sociológica de Schütz, o ponto central dela, isto é, a análise das interpretações dos sujeitos sobre suas próprias ações e biografias, está presente de forma genuína na aplicação e exame do método.

A pesquisa social interpretativa se destacou na Alemanha na década de 1970, por meio de um grupo de estudos na Universidade de Bielefeld. Joaquim Matthes, Fritz Schütze – conhecido pelas análises biográficas e pela elaboração da entrevista narrativa –, e Ralf Bohnsack, – renomado pela abordagem metodológica do grupo de discussão – são alguns dos pesquisadores que reexaminam "a sociologia compreensiva com base nos estudos fenomenológicos e na sociologia do conhecimento de Thomas Luckmann que, por sua vez, foi orientado por Alfred Schütz" (Rosenthal 2014, p. 35). Sabe-se que a sociologia compreensiva, assim como a pesquisa qualitativa, desenvolvidas na Escola de Chicago, foram essenciais na criação da sociologia interpretativa

(Sangalli e Rinaldi 2018).

No entanto, será no empreendimento sociológico de Schütz que o "sentido da ação se constitui na interação social por meio do estoque de conhecimento socialmente compartilhado e de um sistema de relevância, ambos instrumentalizados em processos de tipificação" (Sangalli e Rinaldi 2018, 113). Assim, a partir disso, nascerá a ideia de ação na sociologia interpretativa, que, conseqüentemente, constituirá o esteio para a estrutura teórica e metodológica das abordagens instrumentalizadas sob esta perceptiva. Nas palavras de Sangalli e Rinaldi (2018, 4):

A pesquisa social interpretativa é um paradigma de pesquisa qualitativa, que se distingue de pesquisas quantitativas por ter seu foco na interpretação das experiências dos sujeitos no mundo social e nos processos de constituição de suas interpretações. Logo, compreender e explicar os fenômenos sociais são as finalidades destes métodos [...] Mais do que resultados de processos, os métodos reconstrutivos de uma pesquisa social interpretativa permitem reconstruir a formação dos fenômenos, buscando a generalização teórica no caso particular.

É na pesquisa sociológica biográfica com a entrevista narrativa e análise reconstrutiva, de acordo com Fritz Schütze, que o princípio da abertura é aplicado de modo sistemático, "tanto na realização da entrevista quanto nas diversas formas de análise de dados" (Rosenthal 2014, 170).

A pesquisa, a qual serve como ponto de partida deste artigo, consiste no estudo dos gostos e estilos da "Geração Alfa", com ênfase especial na prática da leitura. A dúvida que pairava na realização das entrevistas-testes era como seria a forma mais aberta possível da pergunta inicial, para não direcionar o entrevistado apenas a suprir as expectativas da pesquisadora, que iria conduzir a uma conversa com um "número elevado de argumentações, ou seja, um discurso baseado em opiniões, e não em narrativas pessoais e biográficas" (Susin 2014, 91). A solução encontrada foi de apenas mencionar o estudo de gostos e estilos da Geração Alfa aos entrevistados e seus responsáveis, sem um foco temático específico e sem mencionar o termo "Geração Alfa". Após a realização das entrevistas, na fase inicial desta



pesquisa, é que se definiu a prática da leitura como foco temático para a análise dos estilos de vida. Entretanto, o tema leitura não consta na pergunta inicial, mantendo-se uma pergunta inicial bastante aberta. E no caso da temática não aparecer de forma espontânea na narrativa principal, os entrevistados são questionados de forma direta na segunda etapa da entrevista narrativa, denominada *perguntas externas* (Rosenthal 2014). Um dos resultados preliminares obtidos até o momento se refere à maneira como os entrevistados lidam com a leitura, parte dela obrigatória nas escolas.

### Visual Interactive Reading (VIR)

Nas entrevistas realizadas até aqui foi possível identificar que parte considerável dos entrevistados apresenta uma resistência à prática da leitura espontânea, ou mesmo de realizar as leituras obrigatórias da escola. Alguns dos entrevistados demonstraram um maior interesse por livros que contavam também com versões em filmes ou séries, por exemplo. A existência de versões filmadas de obras literárias, de acordo com alguns entrevistados, funciona como atrativo para a leitura, sem que haja uma ordem necessária, ou seja, alguns entrevistados leem primeiro para depois assistir ao filme ou série; ou as obras audiovisuais estimulam a busca pela obra literária. Por outro lado, identificou-se também que a curiosidade em conhecimento não está ausente e que se trata de um público fortemente sensível a estímulos visuais de comunicação. Essa primeira identificação de resultados preliminares suscitou uma longa discussão de orientação acadêmica sobre o que a atividade da pesquisa poderia oferecer. Após várias ideias que foram surgindo dessa discussão, chegou-se a um entendimento comum de que seria possível desenvolver um instrumento que pudesse conjugar a leitura com estímulos visuais. Diversos dos entrevistados deixaram evidenciado que poder contar com versões audiovisuais baseadas em obras literárias é um atrativo adicional para a escolha de uma obra para leitura. O resultado dessa discussão foi a proposição de um aplicativo, ao qual pas-

samos a denominar preliminarmente de *Visual Interactive Reading* (VIR), que fosse capaz, na sua versão inicial, de apresentar livros que compõem a lista de leituras obrigatórias nos anos finais do Ensino Fundamental, assim como obras de autores contemporâneos que tratam de temas da atualidade e que, potencialmente, poderiam corresponder com maior proximidade aos interesses temáticos dos leitores em processo de formação, combinando a leitura com estímulos visuais. Para versões posteriores, já está sendo planejada a inclusão de maneiras em que o leitor passe a atuar com maior protagonismo na criação de estímulos visuais dos livros que estiver lendo.

Após um processo intenso de discussão com o orientador da pesquisa, foi decidido que apresentaríamos juntos uma proposta ao Programa Garage, conduzido pelo TECNOPUC (Parque Tecnológico da PUCRS), que estimula o desenvolvimento de soluções tecnológicas a partir de trabalhos acadêmicos. Nosso projeto foi aprovado e, durante um semestre, participamos de atividades de desenvolvimento e elaboração do chamado Plano de Negócios, assim como da realização de consultas a coordenadores pedagógicos em escolas públicas e privadas do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, sobre o interesse em tal solução. Diante da resposta entusiasmada e a grande expectativa de todos os coordenadores e diretores de escola consultados, fizemos uma prospecção do mercado potencial, escolas públicas e privadas, cujos resultados foram bastante animadores. Após essa fase, o projeto VIR foi aprovado pela Agência Experimental de Engenharia de Software da Escola Politécnica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (AGES PUCRS), vinculada ao curso de Engenharia de Software, para que os estudantes de diversos semestres possam trabalhar no desenvolvimento do aplicativo, que ainda em 2024 deverá estar disponível para testes.

### Considerações finais

O artigo teve como objetivo apresentar os contornos teórico-epistemológicos da pesquisa em andamento, que investiga os estilos de vida

de adolescentes da chamada "Geração Alfa". Para tanto, o artigo trouxe, inicialmente, uma discussão teórica dos fundamentos epistemológicos da abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas. Nessa fundamentação, a sociologia de Alfred Schütz ocupa um lugar central, ainda que o sociólogo austríaco não tenha desenvolvido métodos de pesquisa empírica. Contudo, sua sociologia ocupa o lugar de principal fundamento epistemológico para a abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas, ainda que não seja a única. O texto não tinha a pretensão, portanto, de trazer resultados finais da pesquisa em desenvolvimento. Entretanto, resultados muito preliminares já permitiram propor uma ferramenta (um aplicativo), que poderá ser utilizada nas escolas públicas e privadas, com o intuito de promover um maior engajamento de leitores dos anos finais do Ensino Fundamental, justamente a faixa de idade dos entrevistados para a pesquisa mencionada aqui. O instrumento mencionado, que provisoriamente recebeu o nome de VIR, procura incorporar o estímulo visual, muito adotado já por adolescentes de 12 a 14 anos em suas atividades de aprendizado e entretenimento. A articulação entre produções audiovisuais e obras literárias tem sido apontada por diversos entrevistados, alguns de maneira mais explícita que outros, como uma forma de despertar o interesse pela leitura. Alguns mencionam a prática de comparar o texto lido com as cenas de filmes e séries, sugerindo que o audiovisual não anula o interesse pelo texto escrito, mas provavelmente o contrário. Com isso, acredita-se, os estímulos visuais poderão servir como atrativos adicionais à formação de mais e melhores leitores. Essas conclusões preliminares em torno da prática da leitura ou, até mesmo, a definição do foco temático para a análise do estilo de vida dos membros da "Geração Alfa", estão vinculadas à abordagem metodológica adotada, que privilegia as experiências dos sujeitos, visto que, no início do percurso investigativo, essa temática não estava definida de antemão. Entretanto, a mensuração criteriosa dessa ferramenta como instrumento pedagógico deverá ser realizada somente em pesquisas futuras. De

qualquer maneira, espera-se já poder demonstrar o potencial que a pesquisa biográfica com adolescentes possui para orientar ações concretas de diversos tipos de instituições que lidam com o público pesquisado, entre elas as de escolas do Ensino Fundamental.

## Referências

- Beck, Ulrich. 2010. *Sociedade do Risco*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34.
- Bourdieu, Pierre. 1983. "Gostos de classe e estilo de vida". In *Pierre Bourdieu*, organizado por Renato Ortiz, 82-121. São Paulo: Ática.
- Brasil. 1990. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Estatuto da Criança e do Adolescente. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm).
- Brasil. n.d. "Saúde do Adolescente e Jovens". Ministério da Saúde. Acessado em 25 de outubro de 2024. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-adolescente/saude-do-adolescente-e-jovens>.
- Eisenstein, Evelyn. 2005. "Adolescência: definições, conceitos e critérios". *Adolesc. Saúde* 2 (2): 6-7. [https://extensao.cecierj.edu.br/material\\_didatico/sau2202/pdf/aula%201%20leitura\\_adolescencia\\_def\\_conc\\_criterios.pdf](https://extensao.cecierj.edu.br/material_didatico/sau2202/pdf/aula%201%20leitura_adolescencia_def_conc_criterios.pdf).
- Mannheim, Karl, e Ignacio Sánchez de la Yncera. 1993. "El Problema de Las Generaciones". *Reis*, (62): 193-242. <https://doi.org/10.2307/40183643>.
- McCrindle, Marck, e Ashley Fell. 2021. *Generation Alpha: understanding our children and helping them thrive*. Austrália: Headline Home.
- Natanson, Maurice. 1962. "Introduction". In *Collected Papers I: The Problem of Social Reality*, editado por Alfred Schütz, XXV-XLVII. London: Nijhoff.
- Rosa, Harmut. 2019. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp.
- Rosenthal, Gabriele. 2014. *Pesquisa social interativa: uma introdução*. 5ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Sangalli, Lucas Cé, e Débora Rinaldi. 2018. "Pesquisa social interpretativa alemã: os métodos de entrevista narrativa biográfica e de reconstrução biográfica de caso". *Tese* 15 (2): 107-36. <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2018v15n2p107>.
- Santos, Hermilio. 2012. Action and relevance: making sense of subjective interpretations in biographical narrative. *Schutzian Research* 4: 111-124.
- Santos, Hermilio. 2015. "Biography and Action: A Schutzian Perspective to Life-word". *Società Mutamento Política* 6 (12): 231-243. <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/8913>.

Santos, Hermílio. 2022. A sociologia de Alfred Schütz. In *Teoria sociológica contemporânea: autores e perceptivas*, organizado por Carlos Eduardo Sell e Carlos Bendito Martins, 163-178. Petrópolis: Vozes.

Santos, Hermílio, Patricia Oliveira, e Priscila Susin. 2014. "Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: Revisão e perspectivas". *Civitas* 14 (2): 359-382. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17152>.

Schütz, Alfred. 1979. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Schutz, Alfred, e Thomas Luckmann. 2023. *Estruturas do mundo da vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Schütze, Fritze. "Isso, sim, é ser sociólogo!" *Civitas: Revista de Ciências Sociais* 14 (2), 204-26, 2014.

Susin, Priscila Queirolo. 2014. "Construções familiares e experiências de violência: Pesquisa biográfica em uma favela carioca". Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4735>.

Srubar, Ilja. 1984. "On the origin of 'phenomenological' sociology". *Human Studies* 7: 163-189. <https://doi.org/10.1007/BF00144931>.

Weber, Max. 2004. Conceitos sociológicos fundamentais. In *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, 3-35. Brasília: UnB.

World Health Organization. 2024. Adolescent health. [https://www.who.int/health-topics/adolescent-health/#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/adolescent-health/#tab=tab_1)

---

## Paula Vianna Köche

Graduada em Direito, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da PUCRS.

---

## Endereço para correspondência

### PAULA VIANNA KÖCHE

Av. Soledade, 400, apt. 1001

Petrópolis, 90470-340

Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*